

A Gripe Espanhola no Ceará (1918-1920)¹

The Spanish Flu in Ceará (1918-1920)

Luana Kelly Mendonça Galvão Silva  

luanalkl07@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAFIDAM

RESUMO

O objeto deste artigo é analisar a ocorrência da Gripe Espanhola no Estado do Ceará, entre os anos de 1918 e 1920. Para isso, me utilizei de fontes bibliográficas, jornais da época e relatórios do governo do Ceará, a partir das quais busquei responder as seguintes questões problemáticas: como os periódicos cearenses abordavam a gripe espanhola? Quais foram as medidas de assistência pública tomadas pelas autoridades cearenses para debelar o avanço da doença? Como resultado das análises empreendidas, destaco o descaso governamental como um forte aliado do vírus e a utilização da doença como um objeto de disputa por poder.

PALAVRAS-CHAVE

Gripe Espanhola. Pandemia. Assistência Pública. Ceará.

ABSTRACT

The object of this article is to analyze the occurrence of the Spanish Flu in the State of Ceará, between the years of 1918 and 1920. For this, I used bibliographical sources, newspapers of the time and reports of the government of Ceará, from which I tried to answer the questions following issues: How did newspapers from Ceará address the Spanish flu? What were the public assistance measures taken by the Ceará authorities to quell the spread of the disease? As a result of the analyses, I highlight government neglect as a strong ally of the virus and the use of the disease as an object of dispute for power.

KEYWORDS

Spanish flu. Pandemic. Public Assistance. Ceará.

¹ O presente artigo é fruto das reflexões desenvolvidas em minha pesquisa monográfica que teve por título: A GRIPE ESPANHOLA NO CEARÁ (1918-1920), orientada pelo Prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves.

Submetido em:
11/07/2023

Aprovado em:
25/10/2023

Publicado em:
08/12/2023

1 A GRIPE ESPANHOLA

Os primeiros anos do século XX foram marcados por grandes expectativas em razão dos avanços da modernidade. As influências da *Belle Époque* que marcava o modelo civilizatório europeu, especialmente o francês, juntamente com o desenvolvimento científico através, por exemplo, da teoria bacteriológica, além das novas tecnologias que facilitavam os meios de transportes e comunicação da época, faziam com que as sociedades, sobretudo europeias e americanas, acreditassem que estavam sendo guiadas para um futuro seguro e feliz.

Entretanto, em meio ao deslumbramento de um almejado progresso, existiam ressentimentos, silenciosamente resguardados, relacionados à acontecimentos que envolveram nações que, em fins do século XIX, se achavam em ascensão. Conhecida como Guerra Franco-Prussiana, a disputa pela região de Alsácia e Lorena, rica em minério de ferro, ocasionou uma forte tensão entre a França e a Alemanha nos anos de 1870 e 1871.

Durante os anos seguintes ao conflito, a Alemanha vai continuar a expandir sua influência através de alianças que envolvia acordos comerciais e militares com a Itália e a Áustria-Hungria que, posteriormente, ficou conhecida como Tríplice Aliança. Por outro lado, a França vai buscar formar laços com o Império Russo e o Império Britânico, que também temiam ficar para trás no cenário econômico e territorial, desenvolvendo a chamada Tríplice Entente.

Apesar da constante tensão entre as alianças, o gatilho que vai desencadear a Grande Guerra só vai se suceder em 28 de junho de 1914 com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando de Asburgo, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e sua esposa Sofia, Duquesa de Hohenberg. A morte do arquiduque ocorreu de forma planejada pela organização secreta nacionalista sérvia Crna Ruka (Mão Negra), que levou seis homens armados até Sarajevo apenas para tirar a vida do herdeiro (BURIGANA, 2014).

A Alemanha, vinculada a Tríplice Aliança, vai apoiar diretamente o Império Austro-Húngaro que declara guerra à Sérvia ligada ao Império Russo. Deste modo, a Primeira Guerra Mundial vai trazer à tona uma série de conflitos entre as Potências Centrais (Tríplice Aliança) e as Potências Aliadas (Tríplice Entente) durante os anos de 1914 e 1918. Inicialmente, a expectativa era de que a guerra fosse curta e decisiva. Porém, logo nas primeiras ações militares ficou nítido que o problema não seria resolvido tão rápido e que as perdas seriam irreparáveis.

Mas, podemos pensar o cenário da guerra como um território favorável ao desenvolvimento de doenças? A esse respeito, podemos confirmar que uma das características dos vírus Influenza é a sua alta taxa de transmissibilidade e de mutação, sobretudo em um contexto de grande circulação de pessoas em meio a uma completa desordem sanitária. Esses foram alguns dos elementos que, de maneira geral, se tornaram um ponto de partida perfeito para que o caos de uma pandemia fosse se instalando nas mais diferentes sociedades.

O contexto bélico colocava em perigo diversos aspectos da vida social que, além da possibilidade de escassez de alimentos, imperavam as péssimas condições higiênicas, especialmente nas

frontes de batalhas, haja vista a constante presença de soldados feridos em ambientes marcados pela prática mínima de limpeza, de higienização, fato que facilitava o processo de contaminação e infecção. Todos esses fatores contribuíram para o agravamento das problemáticas sanitárias que culminou na explosão da chamada pandemia da gripe espanhola.

Mialgia, cefaleia, coriza, tosse e febre. Assim se iniciou a conhecida “mãe de todas as epidemias”, como uma gripe comum. O vírus Influenza, que obteve tal denominação devido a crença na Influência dos planetas ou pela Influência do frio causado pelo inverno, teve a origem de sua linhagem em aves aquáticas silvestres que, possivelmente, através do contato com humanos ou porcos, sofreu uma série de mutações e recombinações até se tornar o vírus contagioso que conhecemos. Entretanto, o vírus da gripe foi, por muito tempo, um invasor desconhecido pela ciência.

No período de eclosão da pandemia de gripe espanhola, a ciência festejava as descobertas da bacteriologia e a crença de que a humanidade poderia combater qualquer doença de caráter contagioso. Nesse contexto, a chegada de um vírus desconhecido ocasionou um susto em toda a comunidade científica, que foi obrigada a encarar a falta de aparato técnico da bacteriologia diante do agente causador da pandemia.

Mesmo diante da consciência da indisponibilidade de meios de investigação sobre a origem e o modo de ação da doença, a comunidade médica não ficou de braços cruzados diante do desafio imposto pela pandemia. Apesar das limitações científicas da época, os médicos buscaram, nas teorias e saberes antigos, formas de combater e prevenir a proliferação do vírus.

Um importante ponto de partida foi a descoberta realizada por Carl Pflügge (1847-1923), higienista e bacteriologista, que conseguiu provar, em 1890, a propagação de doenças por meio de secreções oronasais. De acordo com a sua teoria, a distribuição de placas nos quartos de indivíduos doentes gerava gotículas através da tosse dos enfermos. Essa descoberta conseguiu comprovar a presença de gotículas de secreções oronasais, suspensas no ar, que poderiam, em até mínimas conversações, ser responsáveis pela transmissão de diversas doenças (GURGEL, 2013).

Com a descoberta das gotículas de Pflügge, os médicos da época orientavam que as pessoas evitassem aglomerações e que não fizessem visitas, pois o mínimo contato com doentes poderia ser contagioso. As recomendações para pessoas idosas eram ainda mais intensivas, já que as complicações da gripe poderiam ser mais fortes em indivíduos com a idade mais avançada. Além disso, a prática diária de higiene também era destacada como forma de prevenção ao vírus.

CONSELHOS AO POVO

Evitar aglomerações, principalmente à noite.

Não fazer visitas.

Tomar cuidados higiênicos com o nariz e a garganta: inalações de vaselina mentolada, gargarejos com água e sal, com água iodada, com ácido cítrico, tanino e infusões contendo tanino, como folhas de goiabeira e outras.

Tomar, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigramas por dia, e de preferência no momento das refeições.

Evitar toda a fadiga ou excesso físico.

O doente, aos primeiros sintomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contágio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita. Evitar as causas de resfriamento, é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes. Às

peessoas idosas devem aplicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados (Jornal *O Estado de S. Paulo*. Edição do dia 21 de outubro de 1918, p.3).

Entretanto, um dos fatores mais alarmantes sobre a pandemia de 1918 foi o fato da grande maioria de vitimados serem indivíduos com idade entre 20 e 40 anos, o que fugia do padrão de uma gripe comum que costumava afetar, em sua maioria, a população mais idosa. Outro ponto, eram os sintomas apresentado pelos doentes, que se iniciava como um simples resfriado, mas que, com o passar do tempo, causava sangramentos por diversos orifícios do corpo e uma grave insuficiência respiratória. A comunidade médica não conseguia entender como uma doença, aparentemente branda, havia se transmutado em um agente altamente contagioso e letal.

As vítimas apresentavam dor de cabeça e nas costas, diarreia e muitas vezes perda de olfato. Impressionava ver os doentes tossindo e cuspiendo sangue, o qual escorria pelos corpos como se fosse uma praga bíblica. O estado de prostração levava a reações diversas, que iam histeria à melancolia, da depressão aos vários casos de suicídio que ocorreram em 1918. Como vimos, grávidas e jovens adultos eram os que mais pereciam; nas cidades africanas, pessoas entre vinte e quarenta anos respondiam por 60% das mortes (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 43).

A omissão inicial dos entes governamentais para reconhecer a seriedade do vírus foi, também, um forte aliado na proliferação da espanhola. Portanto, a tentativa das autoridades para minimizar a gravidade da doença contribuiu para que a bailarina dançasse entre as comunidades, sem que houvesse uma devida prevenção. O receio de uma queda na receita econômica do país, ocasionada pela divulgação da presença do vírus nos portos do Brasil, fez com que o governo brasileiro pagasse um alto preço quando já não havia mais como esconder o número de enfermos que buscavam o sistema público de saúde. As medidas preventivas necessárias foram tomadas tarde demais, quando a gripe já assolava a população, o que dificultou mais ainda o trabalho da comunidade médica.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma nova doença ganha status de pandemia quando a sua disseminação se dá em escala mundial, ou seja, quando, diferente de uma epidemia, que afeta uma determinada região, a doença se prolifera por diversos continentes. A Gripe Espanhola, que registrou seus primeiros casos nos Estados Unidos e se notabilizou pelo mundo através da Espanha, vai encontrar nos soldados estadunidenses um hospedeiro ideal para se disseminar pelo continente europeu e depois pelo resto do mundo.

De acordo Schwarcz (2020), pode se dizer que, a nível mundial, a pandemia aconteceu em três ondas, sendo a primeira iniciada entre fevereiro e março de 1918; a segunda, em agosto do mesmo ano; e a terceira no início de 1919. A segunda onda ficou conhecida como a mais letal de todas, quando a gripe se manifestou por todos os continentes, registrando um maior número de contágio e de mortalidade. No Brasil, a agenda de saúde entrou em colapso, impulsionando a tomada de uma atitude pelas autoridades locais, que foram obrigadas a criar hospitais improvisados na tentativa de socorrer os afetados pela doença. No seu auge, a espanhola foi responsável pelo interrompimento das aulas, o fechamento de teatros, bares e restaurantes. A população, sobretudo das grandes cidades, tentou ao máximo se proteger, evitando qualquer tipo de contato com outras pessoas, fazendo a utilização de

máscaras e recorrendo para o consumo de receitas preventivas.¹

Contudo, apenas em 1933 o vírus Influenza foi identificado e separado em três tipos (A, B e C). Descobriu-se que na superfície do vírus se encontram duas proteínas, as hemaglutininas (H) que facilitam a adesão e penetração nas células do hospedeiro; e as neuraminidasas que facilitam a saída da célula de novas partículas virais que se formaram em seu interior. Essas substâncias podem se manifestar de diversas formas, passando por inúmeras mutações e gerando novos vírus. Porém, o subtipo que acompanhou a gripe espanhola, no início do século XX, foi a do tipo A H1N1.

Com o passar do tempo e o avanço do conhecimento científico, surgiram diversas suposições sobre o vírus Influenza, bem como do porquê a gripe espanhola teria sido tão letal quanto a guerra. Algumas informações sugerem que, na verdade, o vírus da gripe não seria tão maléfico a saúde, mas que a sua ocorrência acabava deixando o paciente fraco e suscetível a outras infecções que acabavam por levar o indivíduo a óbito. Entretanto, essa suposição não consegue contemplar o alto índice de mortes precoce que houve na época (GURGEL, 2013).

Ainda hoje restam dúvidas sobre o acontecimento da bailarina que dançava e se espalhava entre as pessoas com tanta facilidade e rapidez. Mesmo ligada ao contexto bélico, que facilitou sua propagação por diversos continentes, a disseminação da moléstia nos lugares mais distantes e inacessíveis ainda causa bastante intriga, como sua presença na ilha brasileira de Fernando de Noronha ou na ilha de São Miguel em Portugal. De toda maneira, o que se pode registrar foi que a Gripe Espanhola chegou a afetar cerca de 50% da população mundial, matando mais do que a Grande Guerra que durou quatro longos anos. Especula-se que a doença tenha matado de 20 a 50 milhões de pessoas ao redor do mundo todo, sendo cerca de 8% ou 10% desses óbitos de indivíduos jovens (SCHWARCZ, 2020).

2 A PANDEMIA ATRAVESSA O ATLÂNTICO E DESEMBARCA NO BRASIL

Muito antes da chegada da Gripe Espanhola, o povo brasileiro já havia enfrentado diversas doenças endêmicas e epidêmicas ao longo da história. Entretanto, quando paramos para analisar tais ocorrências, somos levados a pensar sobre onde se dá a maior ocorrência dessas doenças e quem são os mais atingidos, o que nos faz questionar toda uma estrutura social.

Em uma análise geral, podemos observar que o Brasil fora, sobretudo a partir de meados do século XIX, um país marcado por enfermidades endêmicas e epidêmicas, cujas consequências ultrapassaram o campo biológico e se manifestaram, também, nos setores sociais e econômicos. Não podemos considerar a ideia de “doença democrática” quando, na realidade, essas doenças atingem, em sua maioria, uma parcela da população afetada por falta de recursos básicos de sobrevivência. Portanto, a Gripe Espanhola vai encontrar no Brasil um ambiente favorável às crises sanitárias e as doenças.

Em 9 de setembro de 1918, o navio Demerara desembarca no Brasil, no porto de Recife,

1 Segundo o Jornal Folha do Littoral (1918): “O distinto clinico Dr. Manoelito Moreira recomenda a excellente formula para debellar radicalmente a influenza hespanhola: infuzão de sabugueiro, cem grammas; eucalypto, cem grammas; acetato de ammonio, oito grammas; aspirina, trez grammas; aconito quarenta gottas.”

trazendo consigo a “bailarina”. Como resultado da falta de fiscalização das condições sanitárias da embarcação, foi permitido o desembarque de diversas pessoas, apesar de a epidemia já estar assolando e fazendo inúmeras vítimas na Europa. Dentro do próprio navio já haviam sido registradas algumas vítimas da doença, o que não impediu de o resto da tripulação ser liberada para o desembarque em solo brasileiro. Seguindo viagem pelos portos de Salvador e Rio de Janeiro, a epidemia vai deixando mais rastros de vítimas fatais, sendo em sua maioria pessoas pobres, como destaca o jornal *A Época*, ao afirmar que “quase todos eram da 3ª classe” (Jornal *A Época*. Edição do dia 16 de setembro de 1918, p.2).

Já em solo brasileiro, a espanhola vai seguir pelas linhas de ferro e pelas estradas de terra que levavam aos sertões. A aceleração dos meios de transporte, as péssimas condições sanitárias da época, a falta de informação sobre a doença e seus sintomas, vão ser agentes facilitadores da transmissão da epidemia entre a população.

A gripe espanhola vai se desenvolver entre as capitais do país de maneiras diferentes, mas por onde passou levou o medo e a insegurança para todos. É importante notar que a falta de informação e a negação inicial das autoridades brasileiras, em relação a doença, vão ser grandes aliadas da sua proliferação, desde as cidades mais populosas até os rincões do país.

No Rio de Janeiro, capital da República, a gripe apelidada de “La dansarina” vai causar pânico e insegurança nas pessoas através da exposição pública de cadáveres pelas ruas da cidade. Os corpos eram amontoados em caminhões, alguns em caixões e outros completamente expostos, até mesmo despidos, causando uma indignação popular em relação as autoridades e o descaso com a exposição aterrorizante da morte. Inconformada, a população reclamava: “Por que ao menos, já que não se pode dar um caixão a cada um desses mortos, não se cobrem os cadáveres com um pano de lona ou outro qualquer?” (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1918, p.1).

O povo e a imprensa clamavam por uma atitude do governo diante do acúmulo de cadáveres que se acumulavam pelas ruas, nos necrotérios e nos cemitérios do Rio de Janeiro na espera para serem sepultados. O cheiro perturbador e as imagens agonizantes da morte fizeram que muitas pessoas optassem por largar suas residências, transferindo-se por bairros menos insalubres. Ainda em meio ao desespero da população, havia também os altos custos cobrados pela Santa Casa da Misericórdia, responsável pelos serviços funerários. Apesar da cobrança elevada pelos sepultamentos, a instituição não realizava um pagamento digno para seus coveiros, razão pela qual eles acabaram por decretar uma greve reivindicando aumento de salário.

A gripe alterou a paisagem e trouxe o silêncio para a capital da República. Os cronistas e poetas da época descreviam o Rio de Janeiro entre a tosse e o espirro, destacando o medo como o grande vilão da população:

Operou-se uma profunda modificação nos barulhos da cidade O Rio tinha o segredo dos ruídos. Todos os rumores encontravam aqui o seu paraíso. O bonde, o automóvel, o mascate, o moderno camelô do centro da cidade ... o baile funesto abafou todas essas vozes, ... e o camelô morreu. Em vez de tudo isso, apenas a tosse quebra o silêncio circunstante. E, às vezes, o espirro. ... em vez de bom dia ou boa tarde, todos me falavam de eucaliptos, ânfora e canela. Se houvesse subterrâneos confortáveis ... lá eu teria encontrado muitos conhecidos. Alguns médicos aludem ao medo o deserto em que está transformada a cidade.

Sim, eu aceito o medo, mas não declino do subterrâneo. O medo ... está sendo o grande desmoralizador da população (*O País*, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1918, p.3).

Diante da insegurança e da falta de orientação por parte das autoridades, a população resolveu tomar as rédeas da situação e se automedicar, pois, diante do desespero, qualquer dose de esperança era bem-vinda. Foi assim que a população da Capital Federal foi disseminando as seguintes medidas profiláticas: pitadas de tabaco ou banhos com vapor d'água misturada com sal de cozinha; sal adicionado ao chá de carqueja; pulverizar o corpo com flor de enxofre; defumar a roupa com enxofre bruto e queimá-lo dentro de casa; tomar 5mg de flor de enxofre antes das refeições; remédios homeopáticos e lavagem intestinal com cozimento de camomila, duas vezes ao dia; etc (BRITO, 1997).

3 PELAS RUAS, TRILHOS, ESTRADAS E VEREDAS: A PANDEMIA “BATEU” NAS PORTAS DOS LARES CEARENSES

A manifestação da bailarina no Estado do Ceará ainda é um assunto escasso em termos de pesquisas e referências bibliográficas, embora, no contexto da pandemia da COVID-19, tenha despertando o interesse de alguns pesquisadores. Maria Pinho e Jucieldo Alexandre (2021), analisando a ocorrência da Gripe Espanhola na região do Cariri, irão destacar a complicada situação sanitária que era enfrentada pelo povo cearense, com recorrentes surtos de malária e peste bubônica. O cenário precário dos órgãos de saúde vai ser, inicialmente, um palco ideal para que a bailarina circulasse entre um povo que, constantemente, era assombrado pelas secas e epidemias.

No dia 28 de setembro de 1918, o vapor Ceará, que iniciou seu percurso no Rio de Janeiro, no dia 20 de setembro, vai atracar no porto de Fortaleza trazendo consigo os primeiros casos que se tem registro, no Ceará, da Gripe Espanhola. Mesmo com a confirmação dos primeiros casos entre os estivadores que trabalharam no descarregamento do vapor na capital, a imprensa vai abordar a presença da espanhola em Fortaleza como uma doença benigna, utilizando as altas temperaturas dos sertões cearenses como justificativa para a não resistência do vírus (PINHO; ALEXANDRE, 2021).

Desde as primeiras publicações na imprensa do Ceará, a gripe foi constantemente tratada como uma doença já conhecida, sem grandes complicações e que não existia motivos para tamanho pavor da população. As indicações eram para que as pessoas mantivessem sua higiene pessoal e evitassem quaisquer tipos de aglomeração, mantendo sua rotina de trabalho “diante de um mal que nada tem de assustador e de mortífero”:

A INFLUENZA ESPANHOLA

Da “Folha do Porto” transcrevemos um interessante artigo do distinto polygrapho cearense dr. Theodorico Costa, sobre a alarmante influenza hespanhola que já appareceu benignamente em Fortaleza.

Eil-o:

[...] Demais é uma molestia bem conhecida nossa e de todo o mundo, já havendo grassado em varias occasiões, agora, porém em character de uma pandemia.

Não ha tratado de Medicina que a não enumere entre as molestias de character benigno, de facil

tratamento, de prognóstico o mais lisonjeiro. Clínicos afamados indicam os meios profiláticos mais seguros como sejam: gargarejos desinfectantes, lavagens das fossas nasais, e como preventivo interno pequenas doses de quinina. Os meios curativos são todos eles conforme os sintomas apresentados.

Não há razão para esse medo. Cada um ponha em prática a sua higiene individual e estamos certos de que esse vento saturado de toxina vagabunda há de passar sem fazer estragos (*Folha do Littoral*, Camocim, 27 de outubro de 1918, p.2).

Podemos notar uma constante tentativa de diminuir a preocupação da população, destacando que a doença produzia mais aflição e medo do que realmente matava. Compartilhava-se a segurança de que a gripe passaria em menos de uma semana e que os casos fatais estavam ligados a pessoas que já apresentavam um estado de saúde precário, e as que se deixavam ser dominadas pelo medo. É importante ressaltar a associação da morte com o pavor, pois uma população amedrontada estaria disposta a se proteger, cumprindo as recomendações de isolamento e higiene. Entretanto, para as autoridades de Estado, as pessoas deveriam estar em seus trabalhos, pois o comércio não poderia parar.

A diretoria de Higiene avisa ao povo que a epidemia, si bem que inevitável, é de uma molestia benigna, que em geral cura em menos de uma semana. Não há motivos para pavor.

Uma das causas mais comuns de obitos por esta molestia é exactamente um estado de moral abatido ou abalado. Em mil doentes de gripe medicados convenientemente, não morrem mais de vinte. E, destes a metade morre de medo; os outros porque a molestia se tenha localizado em um órgão (pulmão, garganta, etc.) já doente ou fraco. Mas as pessoas mais ou menos sadias e não pusilânimes curam-se todas (*A Lucta*, Sobral, 23 de outubro de 1918, p.1).

A Gripe Espanhola, após se instalar na capital cearense, vai se espalhar pelo interior a partir da Rede de Viação Cearense, ao longo da Estrada de Ferro de Baturité, que já alcançava o extremo sul do Estado, precisamente a cidade de Lavras da Mangabeira, cuja inauguração da Estação Ferroviária ocorreu no dia 01 de dezembro de 1917. A partir disso “fez a molestia uma dupla derivação para os lados, por duas paralelas ao primeiro caminho seguido até o littoral” (João Tomé de Saboya e Silva, Governador do Estado do Ceará. Relatórios Presidenciais Provinciais: Ceará. 1 de julho de 1919, p. 29-32).

Assim, ao longo do ano de 1918, a bailarina foi avançando pelo litoral e pelos vastos sertões do Ceará, de modo que, no mês de novembro, do citado ano, já se fazia presente na maioria dos municípios cearenses.

Mesmo com o desenvolvimento transporte ferroviário tendo se estabelecido desde fins do século XIX, não eram todas as regiões do Ceará que contava com esse moderno meio de transporte, além de muitos desafortunados não terem condições de utilizá-lo. Sendo assim, em períodos de seca, como às de 1877-1879, de 1915 e 1919, a população sertaneja costuma atravessar os sertões em direção ao litoral, especialmente à capital Fortaleza, um percurso marcado por diversas dificuldades. Muitos só abandonavam suas residências quando a seca já fazia suas primeiras vítimas. Com a aparência de cadáveres vivos, os miseráveis seguiam pelas estradas com um estado de saúde precário, o que facilitava a transmissão de diversas doenças.

No período de 1916 a 1919, o Governador do Estado do Ceará foi o engenheiro João

Thomé de Saboya e Silva. No relatório por ele apresentado à Assembleia Legislativa, em dezembro de 1919, podemos perceber que as autoridades já eram conscientes da marcha do vírus, pois, no citado documento, consta informações acerca da Missão Médica Brasileira enviada a França, além de relatar a chegada da doença no Rio de Janeiro e Recife, ainda no mês de setembro.

Contudo, conforme os registros governamentais, apenas em 8 de novembro de 1918 foi instituído o Decreto Legislativo nº 1.643, que aprovava o novo Regulamento da Diretoria Geral de Higiene, a qual tinha por objetivo minimizar a propagação das doenças endêmicas e epidêmicas no Ceará. A aprovação do novo regulamento aconteceu no mês de novembro de 1918, um mês após aos primeiros casos registrados da doença em solo cearense. Podemos perceber um certo atraso na tomada de atitude por parte das autoridades do Estado, haja vista a doença já ser uma realidade em outras regiões brasileiras.

Nas medidas apresentadas no relatório do governador João Thomé de Saboya e Silva (1919) estão o fechamento de escolas, a instalação de sete postos de assistência gratuita na capital do Estado, Fortaleza, o envio de ambulâncias e socorros em dinheiro para as regiões interioranas. Utilizando-se das condições climáticas, o presidente vai relatar que, entre o povo cearense, a pandemia fez poucas vítimas, se comparado aos outros estados brasileiros. Além disso, em suas descrições, a maioria das vítimas fatais “se registraram nas classes mais pobres que habitam palhoças e não podem ou não querem se submeter às prescrições médicas”.²

Embora o relatório apresente as medidas tomadas pelo governo no que tange ao combate ao avanço da doença que se alastrava pelo mundo com o nome de gripe espanhola, em outras fontes de pesquisa me deparei com denúncias de corrupção nas intervenções da Higiene Municipal em algumas localidades do interior, a exemplo da cidade de Sobral.

O periódico *A LUCTA*, no dia 23 de outubro de 1918, publicou uma matéria intitulada de “Peste”, através da qual denunciou a repartição da Higiene Municipal de Sobral, acusando-a de negligenciar os cuidados sanitários da região Norte do Estado do Ceará.

[...] Não fora essa calma e serenidade, a nevrose da influenza hespanhola, que em tão poucos dias fez mais de 100 mil victimas no Recife e tomou proporções assombrosas em Fortaleza, já teríamos registrados muitos casos em nossa cidade, actualmente assediada por uma gripe de caracter epidêmico. Tambem é tudo quanto podemos oppor á terrível influenza, pois se para debelal-a necessitarmos de uma intervenção da Hygiene, então estaremos desgraçados, pois a Higiene municipal aqui só existe no orçamento do município e nas tres carroças da Limpesa Publica, que conduz o lixo classificado e medido dos quintaes de quem lhe paga 1\$000 mensaes, emquanto vae deixando o das ruas e praças, cujo transporte nada lhes rende. Já lá vae um anno que a população paga o imposto sanitario e a saúde publica continua exposta a mil perigos, porque a decantada Higyene, que se manifesta vistosamente na numeração dos canecos conductores d’agua para o consumo publico, desaparece em absoluto das fontes de captação da mesma, onde, ao que é corrente, banham-se ao luar, os tuberculosos e morpheticos, como uma represalia a prohibição que lhes fez a Higyene de se banharem ao sol nos poços de águas estagnadas
[...] Com toda essa criminosa negligencia, pois se a influenza chegar até nós e resistir aos 36 graus de calôr à sombra da nossa calida temperatura, estaremos perdidos, sem termos para quem apelar (*A Lucta*, Sobral, 23 de outubro de 1918, p.1).

2 João Tomé de Saboya e Silva, Governador do Estado do Ceará. Relatórios Presidenciais Provinciais: Ceará. 1 de julho de 1919, p. 29-32.

O Diretor e proprietário do jornal *A LUCTA*, Deolindo Barreto Lima, ficará conhecido como um mártir que lutou em nome da liberdade de imprensa. Vinculado ao partido democrata e defensor do ideário liberal, Deolindo recebeu diversas advertências e ameaças das autoridades sobralenses devido as suas escritas polêmicas e acusatórias. Em decorrência de suas desavenças com personalidades poderosas, no ano de 1924, o jornalista acabou sendo assassinado a tiros (LIMA, 2016).

Entretanto, apesar das críticas iniciais, Deolindo Lima vai reconhecer, no ano seguinte, o trabalho exercido pelos sanitaristas da região durante a pandemia de Gripe Espanhola,

Felizmente não se realizaram as nossas tristes previsões externadas desta mesma columna, quando de nós se avizinhava a pandemonica bailarina.

O sr. dr. José Jacome de Oliveira, prefeito e inspector da hygiene municipal, ao constatar a nefasta visita da tragica setembrina em a nossa arbs, com o concurso de outros humanitarios clinicos desta cidade, estabeleceu um plano de ataque á sua horrorosa propagação. E sem faltar a justiça, não se pode negar que a s. s. e ao dr. Cezario Ferreira Gomes, que vimos imperterritos e denodados expurgando, de dia e de noite, os bairros infectos da cidadedevemos o caracter pouco destruidor e a brevidade da visita da cruel bejamina. A não serem alguns relativamente poucos, verificamos na plebe anonyma, nenhum óbito de importancia, conseguiu aqui a cicerina para o augmento do seu funesto acervo de destruição (*A Lucta*, Sobral, 5 de fevereiro de 1919, p.1).

Contudo, por volta de agosto de 1919, a bailarina vai novamente se manifestar entre o povo cearense que, naquele ano, mais uma vez vivenciava uma conjuntura ainda mais agravada pela seca que logo se tornou uma forte aliada do vírus. Com a oscilação dos discursos, o que podemos perceber é que a doença se manifestou em diferentes ondas, experimentando seu pico inicial em novembro de 1918, já acompanhado de uma queda no número de casos em dezembro do mesmo ano. A doença volta na segunda metade do ano seguinte, encontrando um Ceará afetado pelas mazelas da seca climática.

Para aumentar os horrores do espetáculo dantesco, que nos está proporcionando a grande secca deste anno, acaba de entrar scena, com toda a sua tragicidade, a pandemonica bailarina, que tantos estragos ha feito em pontos outros, onde os infelizes não são como aqui, tão deshumanamente abandonados pelos seus governantes.

Raro é o lar nesta cidade, onde não se encontrem 5, 6 victimas da terrível epidemia, que na metropole brasileira - a despeito de higienizada e de possuir assistencia publica e facilidade de meios alimenticios – fechou o commercio e os estabelecimentos de ensino e diversões, paralysoo o trafego nas ruas, amorteceu todo o movimento desse grande centro de actividade humana, a ponto de ficarem cadaveres inseultos pela deficiencia de coveiros. Os nossos governantes, que assistiram de perto a orgia da historica hespanhola, lá naquella prospera capital, onde não ha secca, nem fome e nem pobreza – avaliem o que estará ella fazendo ahi por essas construções de soccorro publico. Imaginem duas ou três mil pessoas sujas, rotas, depauperadas e famintas, localizadas numa area de um kilometro quadrado, sem conforto, sem pão, sem lar e sem ao menos um miseravel tecto que as guarde nos raios causticantes do sol, que actualmente ameaça queimar a propria febre que as asfixia! (*A Lucta*, Sobral, 20 de agosto de 1919, p.1).

Com o cenário da seca, a propagação do vírus se tornou muito mais aterrorizante. Não era mais apenas uma gripe, era todo um cenário de fome, sede, cansaço e doenças afetando, em sua maioria, as populações desafortunadas de condições básicas de sobrevivência. As comissões de socorros, destinadas a auxiliar as vítimas da seca, estavam mais preocupadas na mão de obra que esses desabrigados poderiam oferecer. Para os trabalhadores doentes eram ofertados exatos três dias para que houvesse uma milagrosa recuperação, pois, caso não tivessem a saúde reestabelecida, seria “abandonado aos arreganhos

da molestia e aos esgates da fome”.³

A divisão dos discursos relacionados a doença em Sobral destacava uma disputa pela verdade. Enquanto o periódico *A LUCTA* denunciava o descaso dos governantes, o jornal *A ORDEM*, por outro lado, como “Órgão de Partido Republicano Conservador Sobralense”, partia em defesa da Repartição de Higiene Municipal, destacando a figura do dr. Jacome de Oliveira, Delegado Federal do Saneamento, como o “campeão de saneamento de eutr,ora” (*A Lucta*, Sobral, 20 de agosto de 1919, p.1).

Na cidade do Crato, localizada na região do Cariri, Sul do Estado do Ceará, o poder da fé será um forte aliado do povo, haja visto que não existia nenhuma credibilidade em relação as autoridades da região. A população se sentia abandonada e desprotegida diante da doença, tendo como proteção apenas algumas recomendações higiênicas, ao mesmo tempo em que nenhuma atitude era tomada em relação a contínua entrada de adoentados na cidade, aumentando a disseminação do vírus. Diante disso, os fiéis irão clamar por proteção divina.

No Crato, onde a epidemia ja montou suas tendas e a morte, por seu intermédio, ja arrebatou vidas preciosas, a acção da prefeitura tem sido igual a zero.

Ate o momento em que escrevemos, não consta que o prefeito tenha abandonado a inercia criminosa, em que se tem mantido, para adoptar uma medicina sequer de salvação publica. As feiras continuam, o cinema funciona com a regularidade e frequencia dos tempos normaes; as egrejas regorgitam de fieis que pedem a mizericordia divina, pois drescrêm nas autoridades que só demonstram sua existencia na ocasião da cobrança de impostos eternos; as ruas, as praças, o rio e todos os locaes onde devia apparecer a acção prefectural, continuam na mais pasmosa immundicie, pois, o prefeito faz questão de mostrar completo desprezo pelo bem estar e segurança da população (*Gazeta do Cariry*, Crato, 24 de novembro de 1918, p.1).

Em Camocim, Norte do Estado do Ceará, no ano de 1919, ainda podemos notar a apelação do povo para que seja instalado um Posto Sanitário, visando o controle das embarcações do porto, vindas de diversas regiões e que não passariam por nenhuma forma de limpeza ou inspeção. A falta de expurgo e fiscalização deixava a população completamente exposta a influenza e a diversas outras doenças. No discurso apresentado pelo periódico *Folha do Littoral*, é destacado que o pedido para a criação do referido posto não aconteceu pela primeira vez naquele momento, pois, em 1909, já existia um levantamento local relatando a necessidade de uma melhor administração higiênica.

O nosso porto que é o melhor do Ceará e visitado por embarcações vindas de logares populosos, onde quasi sempre existe casos suspeitos e que não soffrem a menor desinfecção resultando aqui deixar o gremem de doenças epidemicas, subordinando a população a curtir amargos dias de soffrimentos quando não deixa fatalmente victimado alguns dos seus habitantes (*Folha do Littoral*, Camocim, 16 de março de 1919, p.1).

Com o descaso das autoridades e o desconhecimento em relação ao tratamento da doença, a população será orientada a consumir fórmulas caseiras, descritas nos periódicos por médicos afamados. De acordo com o jornal *A LUCTA*, uma das formas de prevenção seria tomar a vacina usada contra a varíola, disponibilizadas nos postos sanitários, seguindo recomendações do dr. Carlos Seidl, Diretor Geral de Saúde Pública no Rio de Janeiro, que verificou uma menor taxa de contaminação nas pessoas que passaram pelo sistema de vacinação.

3 Jornal *A Lucta*, Sobral. Edição de 20 de agosto de 1919.

As recomendações de cuidados de higiene pessoal eram diversos, destacando a limpeza da boca, nariz e garganta. Fazia-se gargarejos com vários ingredientes possíveis, desde água oxigenada até o limão. Na *Folha do Littoral*, o Dr. Manoelito Moreira recomendava, para o combate a Gripe Espanhola, em até 24 horas, a seguinte fórmula: “infusão de sabugueiro, cem grammas; eucalypto, cem grammas; acetato de ammonoio, oito grammas; aspirina, trez grammas; acônito, quarenta gottas” (Jornal *Folha do Littoral*, Camocim. Edição de 10 de novembro de 1918, p.3).

Para além das diversas receitas caseiras e da higiene pessoal, existia também os oportunistas que buscavam se utilizar da doença para faturar em cima do povo amedrontado com a bailarina. Utilizando-se da descrição de sintomas e do desespero das pessoas que buscavam alguma cura, esses comerciantes relatavam que seus produtos eram os únicos purificados em relação ao vírus gripe espanhola.

A GRIPE

Tudo que existe nesta cidade está gripado: a carne é magra cara e ruim como a hespanhola; o leite é aguado caro e impuro como a bailarina; o pão é amarelo e inchado e azedo como a gripe; a água é quente grossa e impura e amarella como a peste. Só o que continua puro perfumoso e bom são os cigarros “Carmita” e “Aurora” do Samuel Ponte (*A Lucta*, Sobral, 13 de agosto de 1919, p.2).

Em meio ao combate da gripe espanhola, se considerarmos as complicações respiratórias que eram desenvolvidas em decorrência da doença, são curiosas as publicidades de cigarros enfatizando o cigarro como meio profilático. Contudo, a divulgação das propagandas acontecia até mesmo em forma de soneto, como pode ser observado no periódico *A NOTA*:

Depois da tal visita amargurada
que me fez neste mez á “Bailarina”,
não havia comida preparada
que me matasse a fome atroz, canina!
Foi um grande martyrio. Angustiado
toda a minha alma numa dor ferina
quase desfeita em pranto, alucinada,
Já esticada, chorando, a perna fina...

Depois fui melhorando... De repente
senti me forte, alegre e sorridente
sem saber que ventura fôia aquella!

Hoje é que sei que o mal, pior que o veneno
fugiu quando fumei o Philomeno
os bons cigarros, em carteira, Stella
(*A NOTA*, Fortaleza, 16 de março de 1919, p.15).

Para além da divulgação de cigarros e remédios, a Gripe Espanhola também se fez presente nas artes, pois o jornalista Carlos Torres Câmara escreveu, no ano de 1979, a peça de teatro intitulada de “A Bailarina”, cuja dramaturgia abordava a propagação da gripe no Brasil, especialmente no Ceará. Apesar do tom bem-humorado do espetáculo, o autor também utilizou do espaço para denunciar os descasos das autoridades e as dificuldades enfrentadas pela população do Inhamuns, região Oeste do Estado do Ceará.

Peraldiana – Mas Arfinal, Cuma vê o sinhô pará ns Inhamuns? Andará perdido nos matagão?
 Elisiário – Não senhora. Vim convalescer. Estive uns dez dias com a bailarina e fiquei escangalhado.
 Botei até sangue, sabe? (...) Fiquei fraco pra burro, com uma tossezinha seca impertinente.
 Abatido mesmo. (...) A bailarina é espanhola. Veio da Europa, atravessou os mares, chegou ao Rio e tem percorrido o país inteiro de um a outro extremo, fazendo um salseiro de mil diabos.
 Meteu gente no buraco pra burro.
 Peraldiana – (...) Essa balarina é um perigo. Felizmente não apareceu ainda pur cá (CÂMARA, 1979, p. 45-46, Apud, LIMA, 2018, p. 107).

A doença não representava, apenas um conjunto de sintomas fisiológicos, mas, também, um fenômeno social, uma construção que perpassa por diversos significados sociais, científicos e políticos. O corpo, para além de seu sistema biológico, representa uma série de composições físicas e culturais.

A deficiência sanitária enfrentada pelo Estado do Ceará, entre os séculos XIX e XX, foi uma forte aliada para a disseminação e desenvolvimento de doenças endêmicas, epidêmicas e pandêmicas da bailarina em solo cearense, embora esta não tenha sido a única. As mazelas de um povo marcado pela seca, pela fome e pelas estruturas de poder excludentes, constituíram condições favoráveis para o desastre sanitário marcado pela gripe espanhola.

A ausência de um aporte maior de fontes históricas limita uma compreensão mais aprofundada acerca do impacto da gripe espanhola no Ceará. No entanto, entre outros fatores, se pode notar o atraso na tomada de atitude por parte das autoridades em relação ao combate ao vírus e a sua maior incidência nas populações mais pobres, afetadas pelo descaso sanitário e pela falta de informação.

Tendo por base as fontes históricas dispostas no Site “Famílias Cearenses”⁴, compostas de registros paroquiais de óbitos, desenvolvi um breve inventário das mortes causadas pela gripe espanhola em diferentes regiões do Estado do Ceará no ano de 1918.

Tabela 1 - Inventário de óbitos causados pela Gripe Espanhola em regiões do Estado do Ceará

CIDADE	HOMEM	MULHER	Nº DE ÓBITOS
Aquiraz	2	5	7
Barbalha	6	3	9
Cascavel	1	2	3
Lavras da Mangabeira	1	3	4
Maranguape	3	0	3
Milagres	4	4	8
Redenção	3	4	7
Várzea Alegre	1	0	1
TOTAL	21	21	42

Fonte: Elaborada pelo autor.

⁴ Disponível em: <https://www.familiascearenses.com.br/index.php/2-uncategorised/58-a-gripe-espanhola-no-ceara-1918-2018>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

No município de Aquiraz, litoral leste, faleceram sete pessoas nas localidades de: Tapera, Eusébio, Camará, Córrego, Telha, Bode e Presídio (Praia do Iguape). Dentre as vítimas fatais, podemos destacar um maior número de óbitos entre as mulheres e uma considerável diferença de idade entre os falecidos, com uma variação de 3 a 80 anos.

O município de Redenção destaca-se com um excessivo número de casos de óbito infantil, marcado por um curto espaço de tempo entre as mortes. Em dois dos casos, as crianças nem mesmo chegaram a completar seu primeiro ano de vida: Cosma, filha de Antônio Elesbão da Costa e de Maria do Carmo Tavares da Costa, dez meses de idade; e, Vicente, filho de Francisco Gomes da Silva e de Luíza Cândida da Silva, falecido com apenas dois meses de idade. Francisco Gomes da Silva, além de enfrentar a morte de seu filho Vicente, também sofreu a perda de sua filha Maria Gomes da Silva, de 11 anos, que faleceu no mesmo dia de seu pequeno irmão, 24 de novembro de 1918.

Em Várzea Alegre, o Padre Deocleciano Chaves também foi uma das vítimas da bailarina mortífera que afetou o sertão cearense. Deocleciano, como um bom servidor de Deus, estava lutando contra a doença desconhecida e “amparava com extrema dedicação as vítimas do vírus influenza”. Entretanto, apesar de seus esforços, o jovem padre, no vigor dos seus 27 anos de idade, faleceu no dia 24 de novembro de 1918.

Considerando os registros de óbitos das diferentes cidades, foi possível contabilizar 42 mortes causadas pela gripe espanhola em algumas cidades do Estado do Ceará (ver tabela acima). Quando contabilizamos os dados, com o objetivo de quantificar os óbitos entre homens e mulheres, podemos perceber um equilíbrio entre o número de falecidos do sexo feminino, 21 mortes, e do sexo masculino que, também, somou 21 casos.

Apesar da escassez de maiores informações sobre os óbitos causados pelo vírus influenza, os registros apresentados são extremamente valiosos para uma breve compreensão de como a bailarina dançou em solo cearense, bailando entre os sertões, as serras e litorais, tendo sido mais presente na região hoje conhecida como Cariri, conforme a fonte pesquisada.⁵

A alta taxa de mortalidade infantil e de jovens adultos representa uma das peculiares características da gripe espanhola, que fugia do padrão de uma “gripe normal”, onde os maiores afetados eram os idosos. Dentre os registros que foram possíveis de identificar a idade dos indivíduos falecidos, podemos observar uma grande incidência de óbitos entre pessoas de 15 a 30 anos, o que não é comum em casos gripais.

Entretanto, é oportuno ressaltarmos que a quantidade de mortes contabilizada neste breve inventário representa, apenas, uma pálida amostragem das consequências fatais que a gripe espanhola deixou em solo cearense. Apesar dos limites que a fonte, por nós pesquisada, nos impõe, ela nos faz inferir que o chão do Ceará representou um amplo tablado para que a desconhecida “bailarina” rodopiasse entre as populações urbanas e rurais deixando, para trás, uma expressiva quantidade de pessoas, de todas as idades, por ela contagiadas e vitimadas.

5 Disponível em: <https://www.familiascearenses.com.br/index.php/2-uncategorised/58-a-gripe-espanhola-no-ceara-1918-2018>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso de construção do conteúdo deste artigo, foi possível analisar as diversas etapas de propagação da Gripe Espanhola, partindo da sua iminência, em meio ao contexto bélico da Primeira Guerra Mundial, e a debilidade médica diante do vírus desconhecido. Diante do inimigo invisível, se tornou necessário recorrer para as experiências e conhecimentos antigos, buscando diminuir os impactos da bailarina.

Em razão de todo o descaso governamental, podemos relatar a recomendação de receitas e produtos para o tratamento da enfermidade, propagandeados nos periódicos da época, mesmo que não houvesse nenhuma confirmação de sua eficácia.

No Ceará, o vírus chega de navio e encontra nas vias férreas seu caminho para o interior. Partindo do entendimento da doença como uma construção, nos foi possível compreender que, na falta de atitudes preventivas, foi comum, nos periódicos da época, a denúncia ante o descaso dos governantes em relação à necessidade de orientar a população, propondo medidas de prevenção e de enfrentamento da doença.

Referências

- “A GRIPE”. **A Lucta**, Sobral, 13 ago. 1919. p.2. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 26 nov. 2022.
- “A INFLUENZA ESPANHOLA”. **Folha do Littoral**, Camocim, 27 out. 1918. p.2. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 10 nov. 2022.
- “A PESTE”. **A Lucta**, Sobral, 5 fev. 1919. p.1. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 14 nov. 2022.
- “A Porta está aberta: As sentinellas dormem”. **Gazeta do Cariry**, Crato, 24 nov. 1918. p.1. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 20 nov. 2022.
- “A secca”. **A Lucta**, Sobral, 20 ago. 1919. p.1. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 14 nov. 2022.
- ARARIPE, Luís de Alencar. “**Primeira Guerra Mundial**”. In: MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 342-343.
- BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. “**Conselhos ao povo**”: educação contra a influenza de 1918. **CADERNOS CEDES**. Campinas, v. 23, n. 59, p.103-117, abr. 2003. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/_Conselhos_ao_povo___educacao_contra_a_influenza_de_1918_1/291 Acesso em: 24 mai. 2021.
- BRITO, N. A. de: ‘**La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro**’. *História, Ciências, Saúde— Manguinhos*, IV (1):11-30 mar.-jun. 1997.
- BURIGANA, R. **A Grande Guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), Evento e Memória**. **HISTÓRIA UNICAP**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p. 41–55, 2014. DOI: 10.25247/hu.2014.v1n1.p.41-55. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/435>. Acesso em: 15 mai. 2022.

- COSTA, Ligia Maria Cantarino; MERCHAN-HAMANN, Edgar. “**Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários**”. Revista Pan-Amazônica de Saúde, v.7 n.1, 2016. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232016000100002 Acesso em: 26 mai. 2021.
- “Delegacia Federal de Saneamento”. **A ORDEM**, Sobral, 29 ago. 1919. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 19 nov. 2022.
- GURGEL, Cristina Brandt. “1918: A gripe espanhola desvendada?”. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v.11 n.4, 2013, p. 380-385. Disponível em: <http://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/28> Acesso: 29 jan. 2021.
- JACINTO, F. C. “**ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE NA FORTALEZA PROVINCIAL: UMA IMPLANTAÇÃO LENTA E DESCONTÍNUA (1840-1860)**.” Revista História & Perspectivas, v. 25, n. 47, 24 jan. 2013.
- LIMA, F. A. A. Família Cearenses. **A Gripe Espanhola no Ceará. 1918/2018**. Fortaleza, 30 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.familiascearenses.com.br/index.php/2-uncategorised/58-a-gripe-espanhola-no-ceara-1918-2018>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- LIMA, F. W. R. **CARLOS CÂMARA E A ALVORADA DO TEATRO NACIONAL: TRADIÇÃO, MODERNIDADE, CULTURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA; O CEARÁ CONTADO, RECONTADO E CANTADO EM A BAILARINA E O CASAMENTO DA PERALDIANA**. Inventário, [S. l.], n. 22, p. 99–118, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/23371>. Acesso em: 22 out. 2022.
- LIMA, J. L. F. **O enfermo e o mártir: imprensa, história e memória a partir das trajetórias dos jornalistas Vicente Loyola e Deolindo Barreto Lima – Sobral, 1907-1924**. In: XII Semana de História da FECLESC, 2016, Quixadá. Anais da XII Semana de História da FECLESC, 2016.
- NASCIMENTO, D. R. **A Doença como Objeto da História. In.: As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 25- 44. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-114-3.
- PINHO, M. D. F. M.; ALEXANDRE, J. F. “**EM TODA PARTE SÓ SE OUVIA FALAR EM MORTE**”: a gripe espanhola no Cariri (1918-1919). Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História, [S. l.], v. 18, n. 31, p. 249–273, 2021. DOI: 10.18817/ot.v18i31.831. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/831 Acesso em: 24 abr. 2021.
- PINTO, J. C. A. Camocim Pote de Histórias. **Gripe Espanhola Mata em Camocim**. Amélia Veras. 31 de março de 2020. Disponível em: <http://camocimpotedehistorias.blogspot.com/2020/03/gripe-espanhola-mata-em-camocim-amelia.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- PIRES, Livia. “**A LIGA BRASILEIRA PELOS ALIADOS E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA: ideias e tensões nos anos da primeira guerra mundial (1914-1919)**.” Ars Histórica [online], 8. 1 (2014): sem paginação Web. 16 mai. 2022.
- “Posto Sanitario”. **Folha do Littoral**, Camocim, 16 de mar. 1919. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 22 nov. 2022.
- SANTOS, A. A. dos. “**Sobre a Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial (Resenha do livro de Carlos Daróz)**.” Revista do IHGSP – p. 214-225, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, João Tomé de Saboya. **Relatórios Presidenciais Provinciais: Ceará**. Governador do Estado do Ceará. 1 de julho de 1919, p.29-32. Disponível em: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 20 mai. 2021.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **“A medicina e a influenza espanhola de 1918”**. TEMPO. Rio de Janeiro, v. 19, p.91-105, 2005. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/referencia/0000000687> Acesso em: 21 mai. 2021.

“SONETO”. **A NOTA**, Fortaleza, 16 mar. 1919. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br> Acesso em: 25 nov. 2022.

SOUZA, Christiane Maria. **“A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé”**. Dynamis, vol.30, 2010. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-95362010000100002 Acesso em: 22 mai. 2021.

Sobre a autora

Luana Kelly Mendonça Galvão Silva – Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAFIDAM).
Email para contato: luanalkl07@gmail.com

Como citar

SILVA, L. K. M. G. A Gripe Espanhola no Ceará (1918-1920). CENTÚRIAS - Revista Eletrônica de História, Limoeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/centurias/article/view/11018>. Acesso em: 08 dez. 2023.